

Gravação: [Imagens do Inconsciente]. **Imagens do Inconsciente - Em busca do espaço cotidiano**

Duração do Áudio: 01:00:01

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:07:25)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Não identificado
Orador B	Não identificado
Orador C	Não identificado
Orador D	Fernando
Orador E	Não identificado

(cantando música)

Orador A: Poxa gente, vocês esqueceram de nós aqui no hospital. Pessoas inválidas, precisando de chinelo, precisando de sapato para vestir. Eu não falo por mim, que a minha matéria não precisa de nada, eu vivo do espírito santo de Deus, eu vivo das coisas que Deus me deu e não do meu inimigo que é o povo, que é a nação, que destrói, que mata, que tem guerra, tomara que no Brasil nunca haverá guerra.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador B: A história do museu de imagens do inconsciente é uma história singular. Este museu teve origem humilde. Nasceu na sessão terapêutica educacional no centro psiquiátrico nacional do Rio de Janeiro, realizado pela doutora Livia da Silveira em 1946. A psiquiatria presente considera o tratamento por meio de atividades ocupacionais, método subalterno. Mero auxiliar nos tratamentos habituais, tais como medicamentos psicotrópicos, concurso terapia, psico cirurgia. A terapêutica ocupacional em um amplo sentido, não visa à produção de utilidades para o hospital, mas tem por meta encontrar atividades que sirvam de meios individualizados de expressão. De fato, o museu surgiu do ateliê de pintura e modelagem instalados em situação de igualdade ao lado de vários outros setores educacionais, encadernação, maçonaria, trabalhos individuais feminino, postura, danças folclóricas, recreação, etc. Aconteceu, porém, a expressão livre através do desenho, pintura e modelagem, mais que em qualquer outra atividade, revelou-se de grande interesse científico por tornar menos difícil o acesso ao mundo interno do esquizofrênico cibernético. Daí nasceu a ideia de organizar um museu com as obras criadas nesses setores de atividade, afim de fornecer ao pesquisador conduções para o estudo de imagens e símbolos e para o acompanhamento da evolução de casos clínicos através dessa expressão espontânea. O museu não cessou de crescer. Diretamente vinculado aos ateliês de pintura e modelagem, recebe cada dia novos documento plásticos. Seu acervo, eu julho de 1983, reunia cerca de 200 mil documentos entre telas, pinturas sobre cartolina e papel, desenhos e modelagens. No mês de janeiro de 1981 o museu foi transferido para nova sede um prédio de dois andares com instalações mais adequadas a suas múltiplas atividades. O museu de imagens do inconsciente, nas palavras de Mário Pedrosa, é mais do que um museu, pois se de prolonga de interior adentro até dar um ateliê onde artistas em potencial trabalham, fazem coisas, criem, vivem e convivem. Ali, com efeito, foi reunindo todo o grupo de enfermos e esquizofrênicos tirado do pátio do hospício para cessão terapêutica ocupacional, desta para o ateliê, do ateliê para o convívio onde passou a gerar o afeto e o afeto para estimular a criatividade. O recinto do ateliê foi muitas vezes escolhido como motivo para pinturas, o que indica como esse lugar é significativo para o seus seguidores. O método de trabalho do museu de imagens do inconsciente consiste principalmente no estudo de séries de imagens. Pinturas de um mesmo pintor, tal como sonhos, se examinada em séries, revela uma repetição de motivos e uma existência de continuidade do fluxo de imagens do inconsciente. Verifica-se com frequência, que essas séries contém significações paralelas a temas míticos, isso porque a peculiaridade da esquizofrenia, reside na emergência de conteúdos arcaicos que configuram fragmentos de temas míticos. Essas pesquisas de paralelos mitológicos, tem importância tanto teórica quanto prática. A tarefa do terapeuta será estabelecer [inint – 00:11:49] entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional que está sendo vivida pelo indivíduo. O trabalho no ateliê, revela que a pintura não só proporciona esclarecimentos a compreensão do processo psicótico, mas constitui igualmente, verdadeiro agente terapêutico. Retendo sobre cartolinas telas como barro, fragmentos do

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

drama que está vivenciando desordenamento, o indivíduo dá formas as suas emoções, despontencializa figuras ameaçadores. A pintura permite detectar, mesmo nos casos mais graves, movimentos instintivos das forças auto curativas das forças da psique, buscando diferentes caminhos. A experiência demonstra que a pintura pode ser utilizada pelo doente, como verdadeiro movimento para a sua reestruturação interior. Imagens circulares ou próximas a círculos, dão formas a movimentos instintivos a defesa psique, exprimindo tentativas, esboços e projetos de renovação. Habitualmente, a psiquiatria de atem apenas na miséria do aspecto externo do esquizofrênico não mostrando interesse nas imagens que exprimem em suas sofridas vivência internas ou pela maneira que ele sente o hospital psiquiátrico e seus tratamentos. E ainda menos se interessa, pelas riquezas do seu mundo interior. Com ajuda das pinturas, descobrimos novos incides na vida dos esquizofrênicos e a prova da existência função criadora sobrevive mesmo que a personalidade se distancia. Sem enxergar esse capítulo por criativo inerente à psique, a psiquiatria tradicional continua falando de embotamento afetivo, deterioração, demenciação. O trabalho realizado no museu de imagens do inconsciente aponta, portanto, para a necessidade de um reformulação dos serviços médicos e da atitude da sociedade face a esses doentes e para uma radicação mudança dos tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos.

(cantando música).

Orador C: A observação clínica de Fernando descrevia um indivíduo desligado do mundo exterior, sempre de cabeça baixa, em quase completo [inint – 00:17:29]. Entretanto, desde os primeiros dias de frequente no ateliê de pintura, aquele indivíduo tão esquivo, manejo pincéis e tintas com avidez sem interrupção, durante todo tempo que permanece no ateliê. Preenchem os dois lados da larga folha de papel sem deixar espaço entre as imagens que se desdobram num fluxo contínuo, libertas de toda estruturação de conjuntos pragmáticos. Pensamentos, conhecimentos escolares fragmentados, recordação de experiência de vidas, apresentam simultânea e desordenadamente implicados uns nos outros. Predominam a abstração, o geometrismo, a esquematização. Os psiquiatras atualmente atribuem essas características a um processo regressivo que iria da desumanização, no figurativismo, [inint – 00:19:12], geometrismo até a dissolução da realidade. A expressão plástica nessa frequência, estaria revelando esfriamento da afetividade, desligamento cada vez maior do mundo real, mas eu não examinava as figuras de Fernando sentada no meu gabinete, eu o via pintar, via a sua face angustiada, via o ímpeto que movia as suas mãos. Não era possível aceitar que era pintura não figurativa significasse embotamento da afetividade tendenciadas pelo [inint – 00:19:59]. Encontrei esclarecimentos para as pinturas de Fernando desta fase no historiador Willian [inint – 00:20:10] que em resumo diz o seguinte: “Se o cosmo incide medo, se os fenômenos do mundo externo na sua confusa interligação, provoca profunda inquietação interior, é mobilizada a tendência à abstração. A arte virá tirar as coisas desse redemoinho perturbador”. Por meio de

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

processos de abstração, o homem procura um ponto de tranquilidade e um refúgio. E quando o mundo aparecerá mais hostil que na vivência de estado do ser dito estados psicóticos. As pinturas de Fernando indicam o recúmulo diante da realidade externa vivenciada ameaçadoramente, assim como o medo da realidade interna, talvez ainda mais perigosa. Mobilizam-se forças instintivas de defesa que se configuram em formas circulares ou próximas ao círculo, abertas ou fechadas, reunindo elementos diversos em torno do centro. São as mandalas em suas múltiplas modalidades com suas configurações auto curativas instintivas que se impõe ao caos. Superpõe círculos, superpõe estrelas, cerca seu contorno de linhas justapostas cerradas umas contras as outras. Em revisão a essas pinturas anos mais tarde, diz que essas linhas justapostas significam ambição e acrescentam: “ Eu sou ambicioso”. Ninguém pensaria que o aquele indivíduo de cabeça baixa fosse ambicioso. A linguagem abstrata, presta a dar formas a segredos pessoais satisfazendo necessidades de expressão sem que os outros os levassem. Gosta de pintar círculos, gosta também da forma oval e da linha sinuosa que chama onda. Mas é na espiral que encontra a felicidade. Gosta mais da espiral do que do círculo e do quadrado. Encontra grande beleza na espiral. De fato, o movimento da espiral parece adequado para compreender o enorme turbilhão interno que sacode a psique de Fernando. A procura do ponto central nas tentativas instintivas de personalidade cindida, faz-se de maneiras variadas. Algumas vezes, a busca do centro é um complicado percurso labiríntico ou um caminho em forma de espiral. Ele recorreu ao geometrismo esforços instintivos para apaziguar muitos emocionais buscando refúgios em construções estáveis. Nota-se também que o geometrismo de Fernando não tem a rigidez característica das figuras geométricas construídas por outros autores, é quase sempre um geometrismo impregnado de dinamismo, do tipo de geometrismo sensível, quente, descritos por alguns críticos de arte moderna. Fernando faz com as mãos o gesto de encaixar uma coisa na outra e diz “O geométrico ajuda a juntar as coisas”. Muitas vezes ele começará a luta pelo caos geometrismo, ora ganhando, ora perdendo terreno. Outro aspecto da pintura de Fernando nesse período, é a estilização. Um externo, os seres vivos o inquietam. Contraindo-se em esticar ao máximo os objetos em desnaturalizar animais e homens. Esquematiza o avião, o jogador de basquete, o atleta, o acróbata e mesmo anjo, superpõe umas às outras essas imagens. Fernando diz “São muitas fantasias sem qualquer utilidade. Algumas de beleza de fantasia, depois de fazer uma vem uma porção, mas isso tudo tem nome certinho. Tudo isso é sabedoria que a gente não sabe. Às vezes é só um significado só para fantasiar, mas nem sempre é fantasia. Parece um soldado militar. Tem uma capinha que parecendo um soldado. O braço virou um escudo em qualquer soldado. Acerto da matemática vai passando para a fantasia.”. Pintar vai tornar recurso para arrancar coisas e seres ao tumulto das emoções e percepções que o atordoam. Procura enquadrá-los separando uns dos outros. isola-os para evitar que caíam outra vez no caos. Ele diz: “Está tudo junto dentro de um saco, traz frutas, bichos. Tem que separar em fileirinhas”. O ambiente no ateliê de pintura é acolhedor. O mundo já não parece tão hostil. Poderá agora ser considerada a outra

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

constância da psique oposta na abstração, isto é, atendendo o seu naturalismo. Tendência, segundo o [inint – 00:26:46] é um instintivo quanto a tendência à abstração. Esta tendência busca contato com as coisas e seres vivos do ambiente. Anteriormente, já Fernando mesclava os extratos e geométricos elementos vivos, mostrando que esse contato é desejado e temido ao mesmo tempo e que não se fará com dificuldades. Surgem paisagens, árvores exuberantes, casas, templos, mergulhados a uma atmosfera onírica. Nós vivemos dois mundos, entre duas percepções diferentes. Percepção de coisas externas por meio dos sentidos e percepção de coisas internas, por meio das imagens do inconsciente. Mas na condição psicótica, esses dois sistemas de percepção, muitas vezes se interpenetram. Daí mesclas de sonhos e realidade onerosas pinturas de Fernando. Ele imagina cidades de fadas, com duas pequenas casas com tetos de goiabada, portas e janelas de chocolates situadas entre um lago azul e arranha céus representados esquematicamente. Era dela a cidade das fadas, mas Fernando escapou a seu fascínio. Continuou sua busca de terras mais firmes, vamos encontra-lo desenhando casas para habitação do homem. Ergue-as em torno de um centro bem iluminadas e complexidades crescentes, são cidades mandálicas, expressão das forças ordenadoras em atividade na psique. Prossegue o processo rumo à realidade, começa um novo período na sua pintura. Antes não lhe importava a ocupação que os outros iriam ocupar-se no espaço. Súbito surpreende pintando mesas e bandejas onde coloca adequadamente coisas diversas. Mas para que conseguisse reestruturar o espaço, seria necessário carregar um tema de afeto por analisar-se se sua atividade psíquica dissociada. Este tema foi a casa. Ele que habitava com sua mãe em pequenos quartos de casarão de cômodos, aspirava intensamente morar em uma casa, lugar íntimo e seguro. Pinta diferente objetos pertencentes à casa. De início esses objetos, sofá, cadeiras, esses objetos de música, apresentam-se misturados, justapostos uns aos outros, sem manter qualquer ordem pragmática de relação espacial entre si. O tumulto de emoções que abalou o psique de Fernando, desestruturou as marcações espacial construídas pelo ego consciente. Tomado de vertigem, ele busca o espaço cotidiano. Será uma luta difícil e lenta. Surge um dado importante, Fernando começa a assinar suas pinturas. O ego se fortalece e tenta controlar a confusão. Diante de uma tela de móveis e outros objetos que acham-se confusamente misturados, Fernando diz: “É um cantinho da sala. Se fizer grande, a gente vai se perder.”. Já descobre um dado importante para estruturação do espaço cotidiano, a linha de base. Linha onde as coisas que nela repousam, mantem relações significativas entre si. A linha de base será para Fernando o soalho. Ele se alegram quando pinta os primeiros soalhos de longas tábuas, reforça-os com rodapés. Toma diferentes objetos ao longo da casa e pinta-os cada um de persi instalados sobre o assolho firme, representando um valor especial. Fernando diz referindo-se ao candelabro: “A gente vai aprendendo de ano e ano, uma coisa separada da outra. A gente tem que saber cada parte. É para saber o valor de cada peça, o valor de cada pedacinho.”. Fernando continua: “A gente faz um de cada vez, chega um dia que a gente chega e faz tudo de uma vez só. Depois de se fazer os móveis separados, você faz os

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

móveis juntos. A poltrona é a melhor coisa que tem, é uma riqueza ter uma casa com poltrona.”. Depois de muitos tapeamentos, consegue um espaço onde mesa e piano estão situados corretamente. Uma lâmpada, instrumentos de música e livro aberto, acham-se calcados em duas mesas. Cada coisa está no lugar esperado na casa burguesa. Fernando diz que essa pintura é o seu trabalho mais importante. “Eu primeiro fiz um pedaço de cada canto e depois pinteí tudo num canto só. É como aprender as letras A, E, I, O, U. A gente aprendeu uma por uma para depois juntar e fazer uma palavra. As letras são mais fáceis de juntar do que as imagens. As figuras são mais difíceis para ligar”. Embora nesta tela móveis e objetos estejam muito próximos uns dos outros, há porém entre eles algum espaço livre e dispõe-se segundo critérios coerentes e pragmáticos. É sua obra preferida, a mais importante, segundo afirma. Se o artista explorar novas dimensões diferenciais, traz sempre consigo graças ao ego intacto, a passagem de volta ao mundo prosaico do homem comum. O mesmo não acontece quando intensa atividade do inconsciente desloca as coordenadas de orientação no espaço e no tempo criando a possibilidade de múltiplas visões do mundo. Em casos tais, o indivíduo tomado de vertigem, o que mais deseja é recuperar os parâmetros de ocupação no espaço da vida cotidiana. Por isso Fernando dá tanta ênfase aos assoalhos, às mesas como suporte dos objetos. Fernando queria a sua casa embelezada com jarros de flores e pratos com frutas. Estes motivos deram motivos a uma série de pinturas sempre trabalhadas alegremente. Surge algo novo na pintura de Fernando, uma janela aberta. Anteriormente o mundo externo aparecia apenas em quadros de paisagens suspensas nas paredes da sala. Agora, o autor lhe revela o quanto é difícil essa abertura para o mundo exterior. “É a janela aberta dentro da paisagem. Foi um dia de sorte. Eu tive o jeitinho de fazer uma coisa assim. Foi um dia num ano. Um dia a janela abre, mas dá muito trabalho. Geralmente eu faço a janela fechada. É porque às vezes não dá tempo, eu não estou com vontade. Eu não estou interessado. Eu não posso saber como é que foi”. A casa de Fernando jamais existiu, foi uma casa onírica. Ele não imaginou do lado de foram imaginou-a no interior com a semelhança das casas ricas que frequentava com sua mãe. Para [inint – 00:37:00] Fernando encontra felicidade diária em uma casa sonhada donde se conclui que o espaço imaginário e o espaço da realidade, estão estritamente interligados. A reconstrução do espaço cotidiano acompanha a reconstrução do ego. Longos anos se passaram com melhoras e piores pelo caminho, até que a figura humana pudesse vir tomar posição no quadro de Fernando, é o pianista. Ele diz: “A figura só apareceu muito tempo depois, eu já estava bem treinado e coloquei a figura, pois o piano precisava de alguém.”. E Mário Pedrosa sintetiza o drama da existência de Fernando. O menino pobre rejeitado de outrora, senta-se ao piano em plena sala decorada de seu gosto e dedilha os acordes triunfais da arte sobre um velho sonho desfeito e uma realidade ingrata. Pobre e grande Fernando! Compreende-se que o tema da casa haja polarizado tão intensamente o interesse de Fernando. Menino pobre, habitava junto com a mãe, modesta costureira promíscuos casarões de cômodos.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador D: Nasci na Bahia no arrebol da estrada de boiada. Não sei. [inint 00:38:53]. Mamãe mudou-se, eu dormia no berço ela mudou-se para a capital. Não pode mais ficar no berço, vai para o colo. Mudou para um barracão no morro, era uma só rua. Fiquei um ano sozinho enquanto a mãe trabalha. Depois veio para o Rio. Não tinha dinheiro na casa da madrinha.

Orador C: Tinha 4 anos quando sua mãe foi trabalhar como costureira na casa de uma família em Copacabana. Ele era ainda amamentado e sua mãe para leva-lo consigo e comover a patroa fazia dele muito pequenino. Recusava os alimentos e só queria o seio, a melhor coisa do mundo. A sua mãe era sua namorada, sua paixão, mas ela o abandonava querendo que ele não mamasse mais e comesse os outros alimentos.

Orador D: Quanto mais demorava, mais eu aprendia, perdendo o meu mundo, o mundo de mamar. A gota de leite que está sendo destruída. Nesta casa rica em Copacabana, tudo era maravilhoso, as pessoas tinham grande capacidade de afeto. Quando se encontravam e se cumprimentavam, beijavam e abraçavam-se com paixão. Os abraços eram apertados e prolongados. A patroa tinha duas filhas, a mais velha estava sempre zangada e mais moça era bonita, boa, delicada, era um santa, branca, linda.

Orador C: Fernando amou a compaixão, foi ela quem lhe ensinou a pronunciar muitas palavras. Gostava de tico-tico, brincava com ele. Essa menina se chamava Violeta, ela inventava brincadeiras de casamento, tinha muitos brinquedos.

Orador D: Ela foi para o colégio [inint – 00:41:00], não queria brincar mais. Gostava de tocar piano, andar de bicicleta, ir à praia. O pai era advogado, ela não queria mais brincar, só alguns passeios, só ensinando as coisas, as flores. Não podia casar com ela sem estudar.

Orador C: Então o seu desejo foi estudar, seria engenheiro para casar com a menina branca. Viu-a pela última vez quando tinha 10 ou 11 anos. Mas pensava sempre nela.

Orador D: Não, a apresentação juntinho, [inint – 00:41:45] com o pobre igualzinho, era um santo completo. Era o modo de dizer, o rico que vale mais ou se é o pobre. Muito pobre. Na região o que vale era muito pobre, a religião era de ser muito pobre. Mas também... agora não tenho [inint – 00:42:15]. Desde que eu nasci, fiz a primeira comunhão, [inint – 00:42:24] muito bonita, porque se não, não faz nada, não passa nem na rua. Era tudo rico para batizar, todo enfeitado de renda. Quando eu tinha 5 anos, lembro-me muito bem, minha mãe dormiu com um branco. É um fato muito importante. Infelizmente no fim de 3 dias o homem desapareceu levando o relógio da minha mãe e nunca mais voltou. Uma criança branca nasceu e tinha grande valor, ter um irmão branco nos deixa orgulhosos. As crianças na rua não humilham mais. Isso nos dá mais liberdade nos estudos. Esse menino era uma joia.

Orador C: Fernando gostava muito do menino e sentia-se orgulhoso de ter um irmão branco, embora se sentisse abandonado pela mãe que se ocupava muito com o pequenino. Chamava-se Antônio Carlos e foi colocado na casa dos expostos, onde morreu não se sabe precisamente quando.

Orador D: [inint – 00:43:49] e não sabia de nada. Era assim mesmo. E quando era rico era branco, e os pobres que [inint 00:43:58]. Mas não são todos não. [inint – 00:44:05]

Orador E: E porque o pobre era silêncio?

Orador D: Não era tudo, naquela primeira festinha né? Não tinha a disciplina, como chamavam, certinha. As professoras, com muitas coisas bonitas, mas todos... davam cartinhas.

Orador C: Aos 9 anos Fernando foi para um asilo de freiras em Petrópolis.

Orador D: Gente fria, feia e pobre. Muitas orações. Mas religião já não era uma paixão, só gostava dos retiros. Eram três dias de recolhimento e piedade que dava uma sensação extraordinária de virtude. O retiro das freiras durava 15 dias. Voltavam iluminadas e fazia também o retiro de 15 dias.

Orador C: No retiro aprendi a ler, contar e fazer curso de retalhos. As freiras eram severas e até batiam nas crianças. Não gostava do leite amargo do asilo, ficou lá durante dois anos.

Orador D: Eu não tinha nenhum brinquedo quando criança, então sonhava todos os dias com brinquedos interplanetários. Só tinha brincadeiras que as crianças fazem com as outras. A gente pode fazer o que quiser para a plateia nas festas do asilo. Mas não ganha nenhum brinquedo. O poder de sonhar com o que quiser menos com o que é da terra.

Orador C: Mais tarde, já internado no Hospital Engenho de Dentro, diante de uma pintura feita por ele de um trevo de quatro folhas, diz: “O trevo de quatro folhas representa a felicidade. Não existe. A felicidade seria ser padre. Ser padre é uma coisa extraordinária, maravilhosa. Ser amado pelo povo e estar garantido de ir para o céu.” Fez os cursos primário e [inint 00:46:38] em escolas públicas obtendo sempre os primeiros lugares. Frequentou também uma escola profissional e estudou um de taquigrafia. No final de taquigrafia veio aparecer depois nas suas pinturas abstratas. Quando era menino, as garotas dele, namoravam só na imaginação. Sua mãe lhe ensinou a namorar, ela o aconselhava namorar as meninas mulatas e cabelos encaracolados. Em um clube de operários em laranjeiras, as meninas o evitavam porque era preto e não sabia dançar. Sentia-se fracassado. No hospital, pintou um quadro que representa crianças brancas, mulates e pretas brincando juntas. Fernando comenta:

Orador D: Isso só é possível na imaginação. Na vida real nunca acontece.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador C: Fernando aprendia melhor e mais depressa que os meninos brancos filhos das patroas de sua mãe, mas Fernando comia na cozinha das casas ricas. Era marginalizado pelos colegas brancos, seja pela inveja que tinham da sua inteligência superior, seja por ser pobre, mal vestido, mulato. Augusta, mãe de Fernando, depositava no filho grandes esperanças e emitia para ele mensagens contraditórias. “Você vai estudar muito. Você é inteligente, vai ser engenheiro. Seremos ricos. Teremos tudo do bom e do melhor. Fernando, você se comporte bem na casa dos brancos. Ser branco e rico é uma grande vantagem. É preciso respeitar os brancos, se não eu perco o emprego”. Fernando baixava a cabeça diante dos meninos menos inteligentes, mas que eram brancos. Fez o primeiro ano do curso científico com notas excelentes. Quando cursava o segundo ano, soube que violeta havia casado, que ela era de outro, estava tudo perdido. Seu comportamento tornou-se estranho. Repetia frequentemente.

Orador D: Na escola cada qual dizendo que eu sou preto e que preto não pode ocupar o primeiro lugar e nem ser engenheiro.

Orador C: Suas notas foram diminuindo, e no fim do ano perdeu as suas notas finais. Abandonou os estudos. Desinteressou-se de tudo. Durante meses permaneceu por quase completo motino, inativo. Desprezou os cuidados corporais passando a andar sujo e descalço. Fernando tem um gesto de rebeldia, o único de sua vida. [inint – 00:49:37], luta com policiais e foi preso por desacato à autoridade. Fica preso durante 6 meses, mas verificado sintomas de distúrbio psíquico, é enviado para um manicômio judiciário de onde será removido para um centro psiquiátrico. Faz aí tratamento pelo insulina e pelo [inint – 00:50:00] da situação psicológica. É com tais tratamentos que a função psiquiátrica pretende curar a psique estendida em decorrência do terrível trama vivido por esse homem. Esse drama não interessa a psiquiatria tradicional que se satisfaz em remover sintomas por métodos violentos. Em julho de 1949, Fernando teve a chance de vir frequentar o ateliê de pintura da sessão de terapia ocupacional. Abrem-se para ele novas perspectivas. Voltemos ao tema da casa. Esse tema é bruscamente interrompido quando Fernando pitava a série de frutas sobre pratos. Outro quadro dessa série representa jenipapos. Fernando diz:

Orador D: Nesse dia foi como se nós estendêssemos a mesa para as frutas e delas para todas as coisas.

Orador C: Perdei a inspiração. Não soube mais fazer mesas e assoalhos. Passou meses lamentando ter pintado jenipapo. Depois, conformou-se. Perguntamos: mas o que aconteceu? Fernando respondeu:

Orador D: Depois desse dia, durante muito tempo, dona Elza não foi mais me buscar para a pintura.

Orador C: Muito tempo para o Fernando correspondia aos 30 dias das férias de dona Elza, na ocasião monitora no ateliê de pintura. Os jenipapos são magicamente ligados a ausência da monitora, mesmo quando dona Elza voltou, já o relacionamento entre Fernando e a monitora, não tornou a ser como antes. A frágil reestruturação da psiquiatria perturba-se o espaço outra vez se subverte. Fernando regrediu. Outro motivo adverso vem a acrescentar-se, a morte da mãe de Fernando que vinha sempre ao hospital visita-lo e leva-lo para passeios. Agora melhor ao caos. Dificilmente ele escaparia ao sub-rótulos de estado de deterioração ou de demenciação que viria complementar o diagnóstico de esquizofrenia. Tanto mais que essa regressão ocorreu quando Fernando já tinha mais de 15 anos de internamento. Sem dúvida tratava-se de um crônico na terminologia tradicional. Quando é grave a desoneração da psique [inint – 00:52:49] vivência desdobramentos e a imagem corporal perde a sua unidade. A pintura permite que se torne visível nesse estresse fenômeno. Na pintura de Fernando, veremos o corpo desdobrado, parte que o constituem separadas. A face se decompõe. Destaca os olhos, nariz, boca e escreve-lhes os nomes. A letra e afigura, diz ele, e acrescenta: “Vou experimentando fazer o serviço, montar de desmontar”. Mostra uma pintura.

Orador D: São os ossos da cabeça, com certeza. Tem algum osso na cabeça que depois [inint – 00:53:47] a partir. Outros ossos, o peito, as juntas, quase uma coisa ou outra. Não é fácil fazer o resto.

Orador C: Compara o corpo com uma máquina.

Orador D: As peças de uma máquina são idênticas com as do corpo. De onde vem a energia do corpo está no mesmo lugar das molas do relógio. O pêndulo está no mesmo lugar da [inint – 00:54:22] do cérebro onde tem o pêndulo do relógio, tem a energia do corpo. A cabeça é o pêndulo. O tecido é a mola do relógio, onde tem a mola do relógio tem a energia do corpo.

Orador C: O corpo vacila, vai ser preciso lhe dar apoio.

Orador D: Essa pintura é o significado melhorado. É um significado de afirmação. Na hora que está pronta a segunda bota raiz para segurar as coisas.

Orador C: Fernando recolheu uma posição de encolhimento sobre si mesmo, evitando toda dispersão para o exterior. Ele comenta mais tarde essa pintura.

Orador D: É a posição que eu estava aquele dia. É a posição bonita, ótima. Às vezes a gente descobre uma posição. É uma riqueza que nós encontramos durante uns dias. É um presente. É como uma mudinha e serve pra todo mundo. Fica um pouco, mas fica uma marquinha, pelo menos. É um consolo, serve também ficar sem nada. O

Orador C: Outra imagem também fortemente introvertida.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador D: É um pensador. Esse tem outras coisas, às vezes é uma outra coisa.

Orador C: São múltiplos os caminhos que as forças auto curativas percorrem institivamente em tentativas de reestruturação da psique. Agora, imagens pintadas por Fernando, vem oferecer a oportunidade extraordinária de verificarmos a utilização da pintura como meio de defesa quando é grande o tumulto de pensamentos e emoções. Uma série de pinturas feitas em dias quase consecutivos nesse período de grande regressão, mostram caos e do outro lado a mão esquerda voltada com a palma para cima que ele podia olhar enquanto ele pintava. E a partir das linhas de sua própria mão, ergue-se no espaço com a construção [inint – 00:56:54] figuras geométricas. Tomou como base essas linha para construções geométricas para se opor ao caos. Mas para emergência de forma e de defesa psique, não se mantinha por muito tempo. [inint – 00:57:16] fazia necessária algo mais forte para segura-las e dar-lhes apoio. Lembrando do papel que a monitora do ateliê de pintura, dona Elza, já desempenhara junto a Fernando e porque essa monitora não trabalhava mais conosco, foi tentado então a experiência de colocar uma outra monitora com a função exclusiva de permanecer ao lado de Fernando no ateliê. A monitora não intervinha, não opinava sobre as pinturas, apenas ficava ali, silenciosa, no sentido de interesse e simpatia por qualquer coisa que ele fizesse, mesmo duas [inint – 00:58:00]. Durante mais de mês, a situação não modificou, Fernando fazia apenas garatujas. O súbito começa a tirar do caos um novo mundo. As primeiras formas que emergem do caos, encanto de paz encaramujada, são pequenos círculos e hexágonos que se definem como cerejas. Cada dia que seja do tumulto anônimo que chega a enfermaria, a primeira pintura é extremamente sempre caótica. Mas agora os traços são lançados com violência induzindo grande carga emocional. São linhas que revelam forças psíquicas em movimento desordenado, mas buscando sempre configurar formas. A presença da monitora catalisa-o processo coordenador. Do caos para a surpresa nossa, surgem elementos japoneses dos quais cerejas foram penujes. Surge no ângulo superior esquerdo um papel coberto de garatujas uma forma que Fernando diz ser o penteado da japonesa. Seguem-se múltiplos elementos da japonesa. Sombrinha, leque, bambus, lanternas coloridas, a bandeira do Japão. Aos poucos a figura das japonesas ou da japonesa tornam-se mais nítidas, mais bem estruturas com os [inint – 01:00:01] decorando o vestido, sombrinhas e leques. Toda série da japonesa caracteriza-se pela delicadeza do desenho e leveza das cores, em contraste com a maneira habitual de Fernando pintar, pincelas espessas e cores fortes. Essa temática parecia estranha, mas logo se esclareceu quando Fernando disse à monitora que ela parecia uma japonesa e de fato, olhos levemente rasgados, dona Aparecida tem distante semelhança parecida com japonês, logo apreendidas por Fernando. Distantes, mas suficientes para ajuda-lo a transpor o outro lado do mundo, o Japão. A inacessível da mulher amada que estava tão perto. O espaço torna-se mais claro. Surge uma pintura onde as japonesas estão à esquerda e a direita acham-se as figuras masculinas dos bacharéis com chapéis de formatura e vestes coloridas que lhes

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

permitem fazer par com as japonesas. Súbito interpõe na série da japonesa a pintura violetas. Por que essas violetas? É uma história antiga que já foi narrada na vida de Fernando. Quando ele tinha quatro anos de idade, amou com muita paixão uma menina que se chamava violeta, filha da patroa de sua mãe. Porque Fernando invocou em plena série das japonesas o seu amor de infância? Vem outra pintura onde uma mulher aparece em traje japonês em meio a apetrechos de costura, é uma costureira, a mãe de Fernando. São assim [inint – 01:02:21] mãe e amor de infância. As pinturas subsequentes mostram que as séries das japonesas perturbou-se. Algo terá ocorrido no relacionamento com a monitora. Possivelmente algo que o magoou e que no indícios denotam. Fernando retorna ao caos. As linhas são traçadas com impetuosidade com intensa emoção. Reaparecem japonesas, mas suas figuras multiplicam-se esbarrando em si, tendem a abstração. Há ainda tentativa de reestabelecimento do contato afetivo que se revela na pintura de japonesas em torno de uma mesa de chá. Nesse mesmo dia, pinta uma orquestra feminina japonesa. Mulheres e instrumentos acham-se tão próximos que se confundem. A série da japonesa interrompe com essa pintura. Então emerge do inconsciente, a figura do dragão serpente, imagem arquetípica simbolizando o lado negativo do princípio feminino. Embora instável, o relacionamento efetivo de Fernando com a monitora, levou a entrar em um lugar muito melhor com ambiente. Sua presença constante ajudou-o a sair do caos. Catalisou a coordenação de função psíquicas e sínteses, despertou-lhe interesse no mundo externo. Durante a série da japonesa, [inint – 01:04:41] imaginárias, Fernando pintou paisagens bem próximas da realidade. Essas paisagens foram pintadas ao ar livre, num pequeno morro pertencente ao hospital, lugar aplausível. Fernando fez telas onde são reconhecíveis árvores, piscina de modelagem, a caixa d'água. E não só transpõe para esses quadros objetos do mundo real através da rica senioridade, mas coisa rara incorpora também uma dessas pinturas, figuras humanas de seus companheiros.

(tocando música)

Orador C: [inint – 01:06:00] Fernando já havia falado do poder de sonhar. O poder de sonhar o que quiser, menos o que é da terra. Ele então partindo rumo aos cosmos, por onde já andara na fase de sua pintura. O dom sonho à estagiária Anabel. Sonhou estava pisando em uma estrela bem no infinito e fazia com muito cuidado e se sentia tão bem, que não sentia vontade de sair. Assim, quando olhou para fora, para as coisas comuns da vida, não conseguiu. Pouco depois, a propósito de pinturas de estrelas Fernando diz à professor Ana Tereza:

Orador D: Antes haviam pedra lapidadas, em meio delas havia a estrela, mas [inint – 01:07:38]. A estrela grande ainda é difícil de fazer, mas ela existe. Só se pode fazer as estrelas pequenas, mas elas forma a estrela grande. A estrela grande pode ser dividida em pedaços, mas os pedaços não existem antes da estrela. A estrela existe antes de tudo. Em

cima da estrela se desenha um círculo, em cima do círculo desenha borboletas ou margarida.

Orador C: Fernando é subitamente arrancado desse universo estelar. O hospital psiquiátrico de quando em vez resolve melhorar as suas lamentáveis estatísticas e o caminho que encontra é dar altas mal discriminadas ou fazer transferências à hospitais de crônicos. Foi assim que no dia 12 de agosto 1977, aconteceu a transferência de Fernando para colônia Juliano Moreira, sem que nenhuma comunicação houvesse sido feita ao setor de pesquisa do museu de imagens do inconsciente onde a expressão plástica de Fernando vinha sendo acompanhada. Do ponto de vista da psiquiatria tradicional, apesar de sua obra ser reconhecida no campo das artes plásticas do Brasil e no estrangeiro, Fernando continuava considerado crônico e em estado de grave deterioração. Com a efetividade amotada, sem nenhuma perspectiva de trazer para a coletividade dons de qualquer espécie. Por sorte rara, lhe foi aberta a porta de uma escola que existia na colônia. Uma professora acolheu-o com bondade e lhe deu oportunidade de continuar pintando. Também os amigos do museu lhe visitavam frequentemente, para que ele não se sentisse abandonado. Fernando volta ao centro psiquiátrico de Engenho de Dentro em janeiro de 1979, volta num estado de anemia grave, mas sua chama criativa não havia sido perdida. A chegada de Fernando foi festiva, e ele demonstrou grande alegria por se encontrar de novo no ateliê. A alegria manifestava-se em todos os seus movimentos, pintava, tocava órgão, piano, dava passeios em terrenos em torno do hospital. Depois de uma curta fase de pinturas caóticas, sua produção plástica transbordou de imagens e cores vibrantes. No dia que chegou o piano à nova sede do museu, Fernando rapidamente pintou uma nova representação do piano e pianista. Depois dessa [inint – 01:11:59] Fernando volta às suas preocupações cósmicas. Em 13 de julho de 1979, numa cartolina muito grande, tenta pintar uma estrela, mas nunca o papel lhe parece suficiente. Para pintar estrelas, muitas vezes Fernando junta várias cartolinas. Diz:

Orador D: É uma estrela muito grande. Leva anos para fazer um [inint – 01:12:12:26] e a montanha. Só com muitos anos. Mais tarde, num trabalho de modelagem, constrói múltiplas estrelas [inint – 01:12:45]. Então começa a sua decomposição em partes até o completo desmoronamento. É o mesmo fenômeno tantas vezes dramaticamente repetido nas artes de Fernando. [inint 01:13:08] no mundo, quando Deus não consegue levar a termo seu empreendimento. O Deus destrói e retoma a sua obra recriadora até que alcance condições de um mundo de sobrevivência. Segundo a tradição antiga, também o Deus do povo Judeu criou vários mundos e os destruiu antes da criação do mundo que o agradou. O nosso mundo. [inint 00:13:46] apreendeu que os ritos de criação mantem como um espelho processos conscientes e pré conscientes que revelam esforços da reestruturação da consciência ou alcance de novos níveis de tomada de consciência do mundo. Acrescenta que muitas vezes a interrupção da esquizofrenia é por sonhos, medos, visões do fim do mundo, de destruição cósmica. E é ao contrario, a saída do

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

episódio esquizofrênico aparece na produção psíquica temática e símbolos da criação na medida que a consciência e reconstrói e a função do real volta a firmar-se. Nas alterações que ocorreram na psique de Fernando, não aconteceram as graves cisões que ocasionam o avassalamento total do campo do consciente com [inint – 01:15:00] emergentes da profundidade do inconsciente. Mas se o ego não se espatifou, teve a sua capacidade sim perturbada. É demasiado fraco assumir o papel que cabe a nós [inint – 01:15:19] psíquica em reunir os conteúdos em unidades significativas e hierarquicamente estruturadas. Fernando falhou em levar a termo a reconstrução de sua psique. [inint – 01:15:39] já era um indivíduo profundamente ferido na imagem que fazia de se próprio sobretudo das imagens opressoras e a contradições que dilaceraram a sua infância. Todo curso de sua vida foi demasiado trágico e os métodos de tratamentos usados nos hospital psiquiátrico [inint – 01:16:08] massacram cada vez mais essa imagem e são implacavelmente hostis aos movimentos de defesa auto curativas e tentam a reconstrução da psique dissociada. O ateliê de pintura do museu, encrostada num corpo estranho no contexto do conjunto dos hospitais, foi insuficiente para dar apoio necessário ao ego frágil. A obra de Fernando mostra que ele foi um [inint – 01:16:49] fracassado. Suas múltiplas criações do mundo iam, às vezes, bastante perto da [inint – 01:17:10], mas a partir de certo ponto, faziam-se e voltavam ao caos primordial.

(tocando música)

Orador D: Houve tempo que quis ter dinheiro para casar com a Vera, mas a engenharia não bastaria estudar. O livro de engenharia é um monte de pedras, pedras e pedras. A cadeira [inint – 01:18:05], tudo igual. O mistério do número. Não sei por que milagre passei a gostar da escultura e da pintura.

Orador C: Nas suas constantes idas e voltas, teve, porém, Fernando o privilégio de excluir o destino que lhe coube. O pintor é feito um livro que não tem fim.

Fim da transcrição: 01:19:40